

NOTA DE IMPRENSA

MNAC

**LUCIANA FINA
JOÃO PINA
VASCO BARATA**

CURADORIA Emília Tavares CURATOR

*Face à "Vida Nua"
Facing Bare Life*

09.12.20 → 23.01.21

www.museuartecontemporanea.pt
Rua Capelo, 15. 1200 - 444 Lisboa
Terça a Domingo 10h - 18h \ Tuesday till Sunday 10 AM - 6 PM
Segunda-feira Encerrado \ Mondays Closed

Mecenaz Principal \ Main Sponsor

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
PATRIMONIO CULTURAL
MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORANEA DO CHIADO
COLOMBO

Os artistas e a curadora estarão presentes na exposição
no dia 9 de dezembro das 15 às 18h

Face à “Vida Nua”

As repercussões da pandemia do COVID 19 são de tal modo disruptivas que nelas se antevê um novo paradigma de mundo. A arte e a filosofia têm procurado, como sempre ao longo das épocas mais trágicas da humanidade, agir e pensar sobre este momento global de medo, insegurança e desigualdade.

Esta exposição congrega a obra de três artistas que se debruçam sobre o estado de exceção que vivemos, abrindo espaços para “o direito universal à respiração”, tal como o enunciou o filósofo Achille Mbembe, como resposta a uma visão destrutiva do mundo inspirada em discursos de contágio e imunidade.

Luciana Fina apresenta-nos um filme realizado no primeiro surto pandémico deste ano, em que se confronta com a devastação da paisagem natural por especulação imobiliária, quando a pandemia parecia trazer uma nova esperança de repensar a sistémica agressão aos ecossistemas.

João Pina fotografou durante a pandemia no Brasil os habitantes de um dos mais emblemáticos edifícios modernistas de São Paulo, o *Copan* (1966), do arquiteto Óscar Niemeyer, que alberga cerca de 5.000 inquilinos. Nestes microcosmos da sociedade brasileira, revela-se uma complexidade social e económica endémica, mas também o mesmo desejo global de reinventar a existência.

Vasco Barata dedicou-se nos meses da pandemia à prática do desenho. Contido às dimensões físicas do seu espaço de trabalho, a dimensão deste processo criativo divaga sobre as formas híbridas que simbolicamente nos habitam hoje, orgânicas, mutantes, erráticas.

Os trabalhos aqui apresentados são assim um exercício de comunidade, um ato de respirar em comum, face à **Vida Nua**, conceito formulado por Giorgio Agamben, um dos mais polémicos filósofos da atualidade.

A *Vida Nua* é a apropriação política da vida de cada um de nós face ao estado de exceção que vivemos, em que muitos dos direitos adquiridos que conhecemos, pelo menos em democracia, são suspensos e existe uma captura do corpo pelo exercício do poder. É um território indistinto, em que o corpo biológico e o político se fundem e em que acontece a apropriação política da vida quotidiana de cada um. Mecanismo que pode, e tem sido exercido, tanto em regimes ditatoriais como em democracias. O seu perigo, a sua intrínseca violência, como afirmava outro importante filósofo (Walter Benjamin) em plena ascensão desse outro estado de exceção que foi o nazismo, é que nestes estados de exceção, de que a pandemia é agora a causa, a existência fica fora do direito, tornando-se uma vida exposta, destituída (ou limitada) de direitos pelo próprio direito.

Neste momento caótico, o diálogo destes três artistas é uma forma de resiliência perante um “céu que não deixa de escurecer”.

Emília Tavares

Obras em Exposição

Luciana Fina

Questo è il piano, 2020

Video HD, som, cor, 20'

Realização, Imagem e Som | Director, Image and Sound

Luciana Fina

Montagem e mistura de som | Editing and Sound Mixing

Elsa Ferreira

Cor | Color

Andreia Bertini

Música | Soundtrack

Giovanni Battista Pergolesi, "Questo è il piano" Cantata per contralto, archi e baixo continuo, voz | voice Gloria Banditelli , maestro | conductor Fabio Maestri.

Complexo Barocco In Canto

Apoios | Supports

MNAC, Kino Sound Studio

Agradecimentos | Acknowledgments

Cinemateca Portuguesa "Sala de Projeção", Ernesto Rodrigues, Edmea Brigham, Cristina Fina, Luísa Homem.

João Pina

Copan

março e abril 2020 | March/April 2020

provas em impressão digital a jato de tinta sobre papel de algodão

digital inkjet printing on cotton paper

Agradecimentos | Acknowledgments

James Wellford, Gail Fletcher, Eliza Capai, Pedro Letria, Marco Rocha, Marcelo Hein e a todos os moradores do Copan que me abriram a porta no meio de uma pandemia | and to every resident of the Copan who opened their door to me in the midst of a pandemic.

Vasco Barata

Under/Above

março e abril 2020

Aquarelas sobre papel Schut 180grs | watercolors on paper Schut 180 grs

29,7 x 42 cm

Agradecimentos | Acknowledgments

Ana Anacleto, Fátima Mota (Galeria Fonseca Macedo)

Textos

Luciana Fina

Questo è il piano, 2020

Video HD, som, cor, 20'

Filmado entre Março e Abril deste ano, *Questo è il piano* é um poema visual sobre o antinómico exercício da sobrevivência e da destruição.

Nesses meses de confinamento, enquanto se apelava à sobrevivência da(s) espécie(s) e muitos clamavam pela reconsideração dos nossos modos de vida e dos sistemas que regem o desenvolvimento económico, numa área do Alentejo litoral outrora protegida e preservada, deparei com uma vasta operação de desflorestação que avançava entre as dunas, indiferente à pandemia, a devastação de uma grande área da mancha florestal. Adquirida por um grande grupo americano, essa ampla área do território e a sua riquíssima floresta de pinheiros e sobreiros é devastada e transfigurada para dar lugar a um campo de golf e o projeto de um resort de luxo. A desmedida operação ameaça a floresta e os recursos hídricos da região ignorando por completo a gravidade do momento que atravessamos, os perigos da desertificação, o imperativo da proteção do ecossistema e de equilíbrios indissociáveis da nossa existência.

Durante a eclosão da pandemia e a paralisação das nossas vidas foi penoso assistir ao prosseguir da devastação. Realizei *Questo è il piano* respondendo ao aperto de duas forças opostas então simultâneas e manifestas: o apelo à sobrevivência da(s) espécie(s) e o indomável exercício da destruição. Concebido com carácter de urgência, foi filmado procurando otimizar os escassos meios à minha disposição na contingência do confinamento, um telemóvel e um gravador digital.

Questo è il piano estreou em sala em Novembro no Doclisboa. Para a exposição, de acordo com a minha prática cinematográfica, o filme adquiriu a nova forma de uma instalação.

Luciana Fina, Novembro 2020

O contexto pandémico em que vivemos, tem suscitado um reforço da reflexão em torno da questão ecológica. Muitos autores têm reafirmado a relação entre a quebra de equilíbrio nos ecossistemas e a possibilidade de ocorrerem surtos pandémicos. A ocupação do território e a sua especulação imobiliária são uma das componentes mais disruptivas do equilíbrio do meio ambiente, e a sua ação continua a ser globalmente praticada.

O filme que Luciana Fina realizou durante o período de confinamento, entre março e abril de 2020, reflete precisamente sobre a destruição de espaços envolventes a reservas naturais para a construção de projetos de “desenvolvimento” turístico. Numa altura em que o efeito pandémico provocou uma desaceleração do modo de estar, e parecia ter incentivado uma ideia de regeneração do planeta e do modo de vida, a realidade de um continuado programa de desenvolvimento capitalista indiferente aos efeitos da sua ação destruidora suscitou este filme de denúncia e desilusão.

Construído apenas através de dois planos estruturais, as árvores abatidas e os planos panorâmicos da paisagem agredida, é através do tempo sustido de um longo travelling sobre o efeito destruidor das máquinas, apenas ouvidas nunca vistas, que realizamos uma angústia inoperante face à transformação da realidade.

A cantata barroca de Pergolesi, *Questo è il piano*, coloca o filme no campo alegórico e melancólico de observação das ruínas do nosso tempo. Estado que, tal como Walter Benjamin observou, se estabelece no confronto entre a tristeza e a rebeldia, a *acedia* e a *cólera*. A melancolia deste filme pode e deve ser entendida no quadro de uma consciência crítica, em que o artista, tal como o filósofo, recoleta as cinzas do mundo e dá-lhes novos significados.

Emília Tavares

João Pina

Copan

março e abril 2020 | March/April 2020

provas em impressão digital a jato de tinta sobre papel de algodão
digital inkjet printing on cotton paper

Em pleno período crítico da pandemia, João Pina viveu em São Paulo, no edifício Copan. O Brasil, tornou-se, desde o início da atual crise pandêmica, um dos países mais afetados, não só em número de infectados e mortos como nas consequências económicas e políticas da crise. A posição negacionista e negligente do seu dirigente máximo, o Presidente Jair Bolsonaro, tem tido consequências devastadoras na sociedade brasileira, aumentando o fosso das desigualdades e da tensão social. O trabalho que João Pina realizou no simbólico edifício Copan, reveste-se assim de múltiplos significados. Por um lado, observa e documenta a vida de alguns dos seus cerca de 5.000 inquilinos, sob confinamento, oriundos de várias classes sociais. Por outro, a vida no Copan tem também um significado histórico e social, já que se trata de um dos mais importantes edifícios de São Paulo, construído por Oscar Niemeyer entre 1952 e 1966, em pleno auge da expansão económica e urbanística da cidade, podendo ser entendido como um símbolo modernista do sonho progressista brasileiro.

O trabalho documental e de proximidade que João Pina ali realizou, revela-nos a cidade que é o Copan dentro da megacidade que é São Paulo. Conhecedor da realidade brasileira nas suas facetas mais violentas, de que o trabalho *46750*, sobre a violência no Rio de Janeiro, é exemplo, o seu olhar é desta vez vizinho e cúmplice de um estado de exceção que tocou o quotidiano de milhões de pessoas, em vários continentes.

As imagens que João Pina realizou retratam a vida confinada dos inquilinos do Copan, em gestos, rituais e vivências nas quais todos nos revemos, em qualquer parte do globo. Contudo, o Copan, pela sua simbologia no quadro de uma época de desenvolvimento urbanístico e de construção de novos modelos sociais de vivência, pode servir hoje de panorama sobre a dolorosa e violenta construção de uma sociedade brasileira mais igualitária.

Tem sido evidente que a pandemia veio acelerar e aprofundar as desigualdades sociais latentes, e que as medidas de exceção impostas pelo confinamento têm também velocidades e repercussões diferentes. A questão que João Pina coloca, com este trabalho, é também sobre a natureza social de exceção que a pandemia provocou, e de que forma os exemplos modernistas de urbanismo e pensamento social podem hoje servir de resistência a uma sociedade brasileira, ou outras, em colapso.

Emília Tavares

Vasco Barata

Under/Above

março e abril 2020

Aguarelas sobre papel Schut 180grs | watercolors on paper Schut 180 grs

O conjunto de desenhos que Vasco Barata produziu durante o seu período de confinamento, apresentam um percurso tenso entre linha e mancha, entre domínio e acaso. Por outro lado, as naturezas vasculares de muitos dos seus traços remetem-nos para o domínio do invisível, universo subitamente revelado em toda complexidade devido à pandemia do coronavírus.

Ao sermos ameaçados por uma força invisível, mas poderosa, a dimensão da fragilidade reformulou-se e deu-se um inédito e imprevisível confronto com um mundo microscópico, do qual sempre estivemos alheados. Os desenhos de Vasco Barata parecem assim ir de encontro a esse mundo invisível, orgânico, errático, transfigurador.

O constrangimento material que está na base destes desenhos foi vencido pela incursão numa pesquisa de essências, desenhos que ora parecem querer delinear, ora se adensam, desmultiplicando-se entre transparência e opacidade.

A reverberação da natureza invisível e das suas formas fractais está implícita nestes desenhos, que nos lembram também o paradoxo, a beleza e a violência de qualquer origem. A origem do lugar onde estamos agora está também no que sempre ignorámos, o desenho divagante e indagador de Vasco Barata coloca-nos face a face com o invisível desconhecido.

Emília Tavares

Biografias dos Artistas

LUCIANA FINA (1962, Bari, Itália)

Vive e trabalha em Lisboa desde 1991.

Artista e Cineasta, tem desenvolvido um trabalho fílmico que migra frequentemente da sala cinematográfica para o espaço de exposição.

Realizou o seu primeiro filme em 1998, integrando a geração que deu nova vida ao documentário em Portugal. Entre 2002 e 2003, com a instalação CCM na Fundação Gulbenkian e o tríptico CHANT portraits no MNAC Lisboa, focando os temas das migrações e do retrato, deu início ao seu percurso em espaços expositivos.

O extenso corpo de trabalho - filmes, instalações fílmicas e site-specific - é apresentado internacionalmente em exposições e festivais de cinema, estando representado na Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian e Nouveaux Medias do Centre Georges Pompidou.

Entre as obras mais recentes a instalação e o filme "Terceiro Andar", apresentado no Museu Gulbenkian, 2016/17 e no 34º Torino Film Festival, e "In Medias Res" (2014), Prémio Melhor Film do Arquiteturas Film Festival (PT) e Menção Honrosa do Temps d'Images Film on Art Award.

Em 2020 estreia "Questo è il piano" no Festival DocLisboa e prepara um novo trabalho de instalação para uma exposição nas Carpintarias de São Lázaro/Festival Temps d'Images. É também professora no ar.co, Lisboa.

Filmografia

2020 Questo è il piano
2016 Terceiro Andar
2013 In Medias Res
2009/2012 Portraire
2006 Le Réseau
2004 O Encontro
2003 Taraf, três contos e uma balada
2001 24h e Outra Terra
1999 Jérôme Bel, le film
1998 A Audiência

Instalações

2019 A estrada (site specific)
2016 Terceiro Andar (díptico)
2014 Être Ici (site specific)
2014 A Casa e o Tempo (site specific)
2009 HORS SUJET portrait (díptico)
2009 VUE portraits (tríptico)
2005 REFLECTION portrait (díptico)
2004 MOUVEMENT portrait (díptico)

2003 CHANT portraits (tríptico)
2002/2010 CCM (CCTV posto 1 /7)

JOÃO PINA (1980)

Formou-se no International Center of Photography em Nova Iorque, especializando-se em Fotojornalismo e Fotografia Documental. Começou a trabalhar como fotógrafo aos 18 anos, tendo passado grande parte das últimas duas décadas a trabalhar na América Latina.

Tem três livros publicados. Em 2007 «Por Teu Livre Pensamento», onde relata as histórias de 25 presos políticos portugueses. . Em 2015 «Condor» sobre as memórias das ditaduras militares na América do Sul e em 2018 publicou «46750» sobre a violência endémica no Rio de Janeiro.

O trabalho de João Pina já foi publicado em vários órgãos de comunicação de renome mundial: «New York Times», «New Yorker», «Time Magazine», «Newsweek», «Stern», «GEO», «El País», «D Magazine», «Stern», «Le Monde», «Expresso». As suas fotografias já foram expostas em Nova Iorque (I.C.P. e Howard Greenberg Gallery e Open Society Foundations), Tóquio (Canon Gallery), Lisboa (KGaleria e Casa Fernando Pessoa), Porto (Centro Português de Fotografia) e Perpignan (Visa pour L'Image), Arles (Reencontres D'Arles), São Paulo (Paço das Artes) Rio de Janeiro (Museu de Arte Moderna e Museu de Arte do Rio).

Entre os anos 2003 e 2013 pertenceu à Kameraphoto coletivo de fotógrafos, plataforma de promoção da linguagem fotográfica. Atualmente é representado pela agência MAPS, e tem fotografias na coleção nacional de fotografia, coleção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, coleção Joaquim Paiva, entre outros colecionadores privados.

É também professor no International Center of Photography em Nova Iorque.

VASCO BARATA (1974)

Vive e trabalha em Lisboa.

Desde finais dos anos 90, Vasco Barata tem vindo a apresentar o seu trabalho sob diversas formas, alternando sobretudo entre uma investigação aturada no domínio da construção e perceção da imagem (através do recurso à prática da fotografia e do vídeo) e uma tentativa de compreensão dos mecanismos da expressão aliados à prática diária do desenho.

Articula, nas suas obras, um interesse particular pelo cinema e pelas estratégias cinematográficas, pelos códigos da linguagem e por um vasto leque de referentes da cultura popular.

Está representado em diversas coleções particulares, em Portugal e no estrangeiro.

MECENAS INSTITUCIONAIS / MAIN SPONSORS

